Direitos reservados; nenhuma parte desta publicação,
poderá ser arquivada ou transmitida sem permissão expressa
do autor-editor – Jaeder Wiler – e-mail jawil@bol.com.br

Editor
Jaeder Wiler

Revisor
Luis Vicente Verrone - Jornalista
e-mail: lvverrone@aol.com

Apoio
Maria Thereza Verrone

Editoração eletrônica
Carimpress Visual Gráfico e Editora Ltda.

Ministério da Cultura
Fundação Biblioteca Nacional
Departamento Nacional do livro
Agência Brasileira do ISBN

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do livro, SP, Brasil)

Wiler, Jaeder 1.956
Vaso Mágico / Jaeder Wiler

Bibliografia ISBN 85-902749-4-2

1. Vaso Mágico. Poesias II. Título

Os leitores interessados em fazer sugestões podem
escrever para o autor – e-mail vocebyjwiler@terra.com.br

Índice

Vaso mágico 3
Vaso 0 5
Vaso I 6
Vaso II 7
Vaso III 8
Vaso IV 9
Vaso V 10
Vaso VI 11
Vaso VII 12
Vaso VIII 13
Vaso IX 14
Vaso X 15
Vaso XI 16
Vaso XII 17
Vaso XIII 18
Vaso XIV 19
Vaso XV 20
Vaso XVI 21
Vaso XVII 22
Vaso XVIII 23
Vaso XIX 24
Vaso XX 25
Vaso XXI 26
Vaso XXII 27
Vaso XXIII 28
Vaso XXIV 29
Vaso XXV 30
Vaso XXVI 31
Vaso XXVII 32
Vaso XXVIII 33
Vaso XXIX 34
Vaso XXX 35
Vaso XXXI 36
A fogueira da alegria
(título provisório por não conhecer o verdadeiro) 38
O planeta prometido 39

Vaso mágico

Ele possuia um verdadeiro fascínio pela natureza. Olhar os passáros. Nadar nos rios, lagoas e riachos que descobria em cada segundo de sua vida. Como um filhote de símio, subia nas árvores, corria atrás das borboletas. Enfrentava as abelhas em troca de seu doce mel. Imitava pássaros e fazia-se amigos dos animais. Observando sua avó e suas companheiras, lavando roupas na beira do rio, iniciou uma relação de intimidade com o barro e com a argila. Adquiriu um verdadeiro fascínio por vasos. Descobriu, na argila macia, que as mãos, cérebro e coração andavam de forma harmônica, criando imagens à semelhança de suas projeções e desejos.

Tornou-se coronel e um rico fazendeiro, criando boiadas inteiras de pura argila.

Conheceu o agreste sertanejo, criando currais e seus cangaceiros. Redesenhou a seu modo igrejas com suas santas. E, tentou por muitas vezes moldar o rosto do seu pai.

Este, nunca conseguiu.
Talvez porque seu pai possuia muitas personas, E ainda não o tinha visto no camarim, verdadeiro — como um palhaço, que se revela homem ou mulher, ao tirar a pintura.

Sua mãe, foi mais fácil. Teve uma, e se aproximou bem pertinho de tantas outras que aqui na terra percorreram a mesma jornada com a sensibilidade singular da alma feminina.

Vendo no filho, a santa possibilidade do genuíno. Um pequeno vaso vazio, que poderia moldar, mas sabia não ser este o objetivo da vida. Optou pela liberdade. Liberdade de escolha. Liberdade de construir as pequenas trilhas, que seguramente, preparam o espirito para a grande caminhada. Alguns destes caminhos levam à

iluminação. Então, para seu filho, decidiu apenas ensinar onde era a nascente de um rio, o seu percurso até o mar, E como fazer a mais pura argila destes elementos naturais. Ele, o filho, havia também recebido um vaso divino. Quais tesouros colocará dentro do interior deste vaso em sua trajetória de vida?
É de sua única, inteira responsabilidade e sorte. Ele encontrará por si mesmo as respostas. Descobrirá familias inteiras com tesouros visíveis e invisíveis.

Com reverência , clamou a suprema religiosidade do seu ser para guiar seu filho nesta busca. Seguindo um único sábio que o habita, desde sua concepção; seu coração-espírito, bússola divina pessoal e intransferível...

O autor

Vaso 0

Havia um havia. Havia existência.

Não sabia o que era que havia.

Mas sabia que havia...

Vaso I

Não tinha nenhuma consciência de
líquido, sólido, ou gasoso.

Nem sabia que existia espírito e
corpo. E, que juntos eram um

E, muito menos,
que eram indivisíveis

Mas, acho que se percebeu dentro de
um confortável vaso.

Como estava em seu interior, não
podia imaginar sua forma externa.

Sentia aconchego.

E, que no seu interior, havia um
compartimento só prá ele.

Seguro, cheio de alimento e macio.

Lá ele se desenvolveu...

Vaso II

Fizeram-se estrelas no céu.

Passaram cometas e meteoritos.

Nasceram novos corpos celestes.

O sol acordou o dia. E, todo o movimento da vida se fez presente.

Então, sentiu as sensações das intempéries.
Calor, prazer e desprazer.

Frio da brisa fraca de um entardecer.
Bebeu a água fresca.

Brincou com os líquidos e os sólidos.
Começou a diferenciá-los

Na beira de um rio.

Enquanto sua avó lavava as pretas panelas de ferro-fundido

Fez seu primeiro vaso. Amassou a lama quase que instintivamente.

Primeiro fez uma bolinha. Com o dedo polegar fez uma pequena fenda e deu de presente a quem lhe dava abrigo e afeto. Sua querida avó.

Vaso III

Adultos gigantes. Com suas mãos
apertavam suas bochechas.

Ele não entendia
sequer uma palavra.
Mas, seus rostos eram amáveis

Reconheceu que
não precisava ter medo.

Davam-lhe o que comer, beber.

Aqueciam-no para dormir

Solto fora da casa, brincava com os
animais e a natureza

Fez com terra e água uma massa,
como se faz pão

Sorte!
A liga daquela terra era boa.
Fez uma porção de
argila meio sem forma.

Com a boca soprou e se enlameou.
Uma pequena bolha de ar se formou

Ficou presa naquela bola de argila.
Um sopro divino na forma de um
pequeno vaso.

Cuidadosamente,
pegou uma flor do campo e colocou
com terra dentro vaso.

Não sabia que o galho não
germinaria. Não sabia
o que era semente...

Vaso IV

Os meninos da vizinhança
eram alegres e felizes.
Brincavam de rodar pião.

De pega-pega,
de esconde-esconde, de índio,
bolinha de gude e muito mais...

Vieram os primeiros
desentendimentos. Soco pra lá.
Pontapés para cá.

Quem tinha razão?
Podia ser qualquer um, ou nenhum.

O socorro estava em casa.
O colo da avó.

A comida quentinha.
Os bolinhos do fornos a lenha.

O afeto inconteste.
E, a cura das feridas...

Refugiou-se na beira do rio.
Colocou a vara
na espera dos peixes.

Enquanto isso,
cavou com as próprias mãos o barro
no rio e fez argila.

Construiu um vaso
com um propósito,
guardar o peixe fresquinho

Para oferecer aos avós
que lhe davam tanto carinho...

Vaso V

Os professores eram rígidos.
Os alunos,
um batalhão em resistência.

Brigavam com as meninas.
Gostavam delas, mas não sabiam
ainda expressar amor

Era feio oferecer uma flor

Corriam pelos corredores
tentando ficar longe dos mestres

O recreio chegava,
a bola rolava.
Podia ser de capotão,
podia ser uma lata vazia,
podia ser qualquer coisa que
movimentasse tanta energia

Depois da escola
foi ao rio,
fabricou argila, meditou.
massageou a argila fria,
fez um vaso e se acalmou...